

VIVOS

A História dos
Sobreviventes Andinos



Condensado do livro de
PIERS PAUL READ

VIVOS

A História dos
Sobreviventes Andinos

O avião fretado caiu nos Andes. Por milagre, apenas alguns dos 45 indivíduos a bordo pereceram no acidente. Embora outros tivessem morrido posteriormente, em consequência de ferimentos, 27 pessoas restavam com vida ainda no décimo dia do acidente, quando as buscas foram abandonadas. Estavam fracos demais para poderem escapar dos picos que os aprisionavam e, em breve, nada mais restaria para comer...

«Este será talvez o mais emocionante relato de sobrevivência do nosso século em tempo de paz.»

— D. KEITH MANO, em *The New York Times Book Review*

«*Vivos* registra um admirável feito de heroísmo conjunto. Será decerto um clássico na literatura das histórias de sobrevivência.»

— WALTER CLEMONS, em *Newsweek*



Local do acidente. A esquerda, em baixo, vê-se a trincheira aberta pela fuselagem do avião ao escorregar na neve

O FAIRCHILD F-227, um bimotor a turbopropulsão da Força Aérea uruguaia, tinha decolado de Montevideu para Santiago do Chile, numa viagem que duraria normalmente quatro horas, mas os boletins meteorológicos acusavam mau tempo nos Andes, e isso levou o avião a fazer escala forçada numa pequena cidade argentina da cordilheira. Os pilotos estavam preocupados com a travessia, pois, embora os Andes tenham apenas 150 quilômetros de amplitude, suas elevações atingem a média de 4.000 metros, com alguns picos de até 6.000; o monte Aconcágua, nas imediações da rota a seguir, ergue-se a 6.950 metros, constituindo a montanha mais alta do hemisfério ocidental. A altitude de vôo máxima do Fairchild é de 6.850 metros.

No dia seguinte, 13 de outubro de 1972, o céu se abriu parcialmente, e o Fairchild decolou de novo, voando rumo ao sul para o Passo de Planchon. O co-piloto, Tenente Dante Hector Lagurara, estava ao comando. Ajustou o rumo para Malargüe, pequena cidade da parte argentina do desfiladeiro. Elevou o avião para 5.500 metros, voando com vento de cauda de 20 a 60 nós.

Em Malargüe, o avião girou para sobrevoar a cordilheira, compacta

cortina de rocha acinzentada escura erguida contra o céu. Lagurara estimou que alcançariam Planchon (o ponto no meio da montanha do qual passariam do controle de tráfego aéreo da Argentina para o do Chile) às 3:21 horas. À medida que o avião avançava sobre as montanhas, um colchão de nuvens obscureceu a visibilidade do solo, mas a visibilidade acima das nuvens era boa e, com as altas cordilheiras recobertas de neve, não haveria maneira de identificar Planchon. A única alteração significativa: o vento, antes moderado e de cauda, era agora de frente e forte. A velocidade absoluta tinha, pois, caído de 210 para 180 nós.

Às 3:21, Lagurara informou à rádio de Santiago que havia cruzado o través de Passo Planchon e estimava em 11 minutos sua passagem por Curicó (pequena cidade chilena na parte ocidental dos Andes) mas, mal decorridos três minutos, o avião contatou novamente a estação de Santiago, informando haver atingido Curicó. Descrevendo um ângulo reto, retornou ao curso anterior e seguiu rumo ao norte. A torre de controle em Santiago, com base na informação de Lagurara, autorizou-o a principiar a lenta descida.

A 4.500 metros, o avião entrou numa nuvem e começou a jogar violentamente. Lagurara ligou as luzes de «apertar o cinto» e «não fumar», e pediu ao comissário que checasse se os passageiros haviam cumprido as instruções.

O avião fora fretado por 15 componentes de um time amador de

PIERS PAUL READ, laureado romancista inglês, é autor de *The Upstart*, *Monk Dawson* e *The Professor's Daughter*. Foi escolhido pelos sobreviventes andinos para escrever a história do acidente, e foi o único escritor a quem confiaram um relato completo da angustiante proeza.

CONDENSADO DE "ALIVE: THE STORY OF THE ANDES SURVIVORS," COPYRIGHT © 1974 BY PIERS PAUL READ

rugby, quase todos recentemente diplomados pelo Colégio Stella Maris, de Montevideu. Além deles, havia 25 outras pessoas, parentes e amigos dos esportistas, que iam ver o time jogar contra uma equipe chilena.

Os rapazes estavam todos muito alegres; haviam trazido a bola e se divertiam atirando-a de uns para outros, no interior da cabine. Ao fundo, um grupo jogava cartas, e mais adiante, junto à cozinha de bordo, o comissário e o navegador jogavam *truque*. Quando o comissário retornou da cabine de comando para voltar ao jogo, pediu aos rapazes que estavam no corredor que se fossem sentar.

«Vamos ter mau tempo», disse, «mas não se preocupem, pois vamos aterrar em breve.»

O avião entrou em outra nuvem e começou a jogar e a cair de maneira alarmante. Um dos rapazes apanhou o microfone que havia ao fundo da cabine e brincou: «Senhores passageiros, queiram colocar seus pára-quedas. Dentro de alguns minutos vamos aterrar na cordilheira.»

Nesse momento, o avião entrou numa descendente e mergulhou de nariz. Os rapazes não tinham sequer chegado a apertar o cinto, quando o avião entrou numa segunda descendente e afundou como uma pedra. Houve gritos de *Olé, olé, olé!*, dos rapazes que não estavam olhando pela janela. Os que olhavam, gelaram de terror, pois a segunda descendente tinha levado o avião abaixo da camada de nuvens, e o que se via não era o vale central do Chile, mas

picos rochosos de montanhas, cobertos de neve, a apenas três metros abaixo.

Ouviu-se o ronco forte dos motores à medida que o Fairchild tentava ganhar altura de novo. O avião ergueu-se um pouco, mas em seguida ouviu-se um ensurdecido estrondo quando a asa direita se chocou contra a borda da montanha. A asa partiu-se, projetou-se por cima da fuselagem e arrebentou a cauda. O comissário, o navegador e o baralho de cartas se projetaram no ar gelado, seguidos por três dos rapazes que foram arrebatados com poltronas e tudo. Mais um instante, e a asa esquerda também se partiu.

Sem asas nem cauda, o avião colidiu contra a montanha, mas, em vez de espatifar-se na muralha rochosa, projetou-se de barriga no solo e começou a resvalar pela escarpada montanha abaixo, recoberta de neve, como se fosse um tobogã.

Dois outros rapazes foram sugados pela abertura deixada na cauda; os restantes permaneceram no interior da fuselagem, enquanto esta se precipitava em declive. A força de desaceleração fez com que as poltronas se soltassem das bases e corressem para frente, esmagando os corpos dos que estavam de permeio e destruindo a parede divisória entre a cabine de passageiros e o porão de proa.

Aqueles que ainda tinham conseguido manter o sangue-frio esperavam pelo impacto da fuselagem contra a montanha, mas este jamais ocorreu. Um dos rapazes, Carlos («Carlitos») Páez, rezava a Ave-



Maria, a partir do momento em que a asa direita atingira a montanha. Quando pronunciou a última palavra da oração, o avião repentinamente parou. Houve um momento de silêncio. Súbito, lentamente, de todo aquele caos em que se transformara a cabine, começaram a brotar sinais de vida – soluços, preces e gritos de socorro.

Alguns dos rapazes mais novos, temerosos de que o avião pudesse explodir, saltaram para fora através da abertura da cauda. Em torno deles, só havia neve, e mais além, dos três lados, o vivo acinzentado das paredes rochosas. O avião fora parar numa pequena elevação à beira do declive, com a proa voltada para o vale, lá em baixo, onde as montanhas

estavam a grande distância, parcialmente obscurecidas pelas nuvens cinzentas.

Possibilidades de busca

NA FUSELAGEM, os primeiros rapazes que se ergueram pensaram a princípio que eram os únicos sobreviventes, mas logo outros começaram a mover-se dos escombros. Na verdade, apenas três dos passageiros que permaneceram na fuselagem tinham morrido com o choque. Um outro, cuja perna partida sangrava, morreu pouco depois. Por todo lado havia gritos de feridos pedindo socorro.

Dois dos rapazes, Roberto Canessa e Gustavo Zerbino, eram estudantes de medicina, e cuidaram daqueles

que puderam. Improvisaram ataduras com o forro branco dos braços e espaldares das poltronas, mas, para muitos dos tipos de ferimentos, essas tiras, lamentavelmente, eram inadequadas. A perna de um dos rapazes sofrera uma torção tão violenta que, ao partir-se, a barriga-da-perna veio para a posição da canela, deixando o osso inteiramente exposto. Zerbino separou os músculos, recolocando-os em seu devido lugar, e amarrou a perna do rapaz com uma camisa.

Outro passageiro, Enrique Platero, tinha um tubo de aço cravado no estômago. Zerbino ficou aterrorizado, mas lembrou-se que o bom médico deve sempre infundir confiança ao paciente. Animou-o, dizendo-lhe: «Isto não é nada. Você é forte. Vamos lá, ajude-me!»

Platero pareceu acreditar e voltou-se, como que pronto para ajudar os outros. Zerbino então agarrou-se firmemente ao tubo, meteu o joelho de encontro ao corpo de Platero e puxou com força. A peça de metal saiu, trazendo consigo cerca de 15 centímetros de algo que parecia ser o intestino de Platero. O rapaz ergueu-se com o puxão e, sob o incentivo de Zerbino, continuou a ajudar os feridos.

Todos estavam confiantes em que o desaparecimento do avião já havia sido constatado, e que poderiam facilitar os trabalhos de busca se conseguissem transmitir sinais pelo rádio. A entrada para a cabine de pilotagem estava bloqueada pelas cadeiras que se empilharam na

parte frontal do compartimento; mas, do outro lado, ouvindo gemidos, um dos rapazes, Ramón («Moncho») Sabella, dispôs-se a alcançar a cabine do piloto passando por fora do avião. Era quase impossível andar na neve fofa, mas Sabella descobriu que podia usar os assentos das poltronas e, pisando sobre eles, chegar ao nariz do avião. Lá encontrou o piloto e o co-piloto presos em seus assentos, com o peito rasgado pelos instrumentos de vôo, contra os quais se chocaram. O comandante estava morto, mas o co-piloto Lagurara permanecia consciente e pedia água. Sabella amassou um punhado de neve dentro do lenço e espremeu-o na boca do homem. Em seguida, tentou fazer o rádio funcionar, mas este estava mudo.

— Começava a escurecer. Às seis horas já era quase noite e a temperatura caíra muito abaixo de zero. Era certo que a busca só começaria na manhã seguinte; assim, amontoados na carcaça do avião, os 32 sobreviventes se prepararam para passar a noite.

Morte e desolação

O ROMBO da parte inferior da fuselagem era irregular, deixando sete janelas do lado esquerdo do avião e apenas quatro do lado direito. A distância entre a cabine do piloto e a abertura da cauda era de apenas seis metros, e a maior parte do espaço estava tomada pelo amontoado das poltronas. O único espaço livre que conseguiram arrumar, antes que a

noite caísse, era o de trás, junto à abertura, e foi ali que acomodaram os mais feridos.

Estes podiam deitar-se, não muito esticados, mas tinham pouca proteção contra a neve e o vento cortante que soprava. O capitão do time de rugby, Marcelo Pérez, com o auxílio de Roy Harley, um dos mais fortes integrantes da equipe, ergueu conforme pôde uma barreira contra o frio, usando tudo aquilo de que dispunham, principalmente as poltronas e a bagagem, mas o vento era tão forte que a barreira caía constantemente.

Durante toda a noite, vinha das sombras o som dos gritos e gemidos lancinantes dos feridos, entrecortados pelos estertores de Lagurara, que estava à beira da morte. «Cruzamos Curicó», repetia, «cruzamos Curicó.»

Não obstante a intensa aflição, alguns rapazes conseguiram dormir, mas a noite parecia interminável. Em certo momento, Zerbino julgou ver a indecisa luz da madrugada insinuar-se através da improvisada barreira. Olhou para o relógio de pulso; eram apenas nove da noite. Mais tarde, os que estavam no meio do avião ouviram uma voz estrangeira que vinha da entrada. Por um instante, pensaram que se tratasse de algum grupo de salvamento, mas logo perceberam que era apenas um dos feridos a rezar em inglês.

O sol começou a brilhar naquela manhã de sábado, 14 de outubro, sobre a carcaça do Fairchild semi-enterrada na neve, a 3.700 metros de altitude, entre o vulcão Tinguiririca, no Chile, e o Monte Sosneado,

na Argentina. Por todas as partes, erguiam-se muralhas de imensas montanhas. Vez por outra, a rocha vulcânica aflorava acima da neve, mas nada crescia àquela altitude — nem arbustos, nem mato, nem tufo de relva.

No interior do avião, Canessa e Zerbino começaram outra vez a examinar os feridos. Descobriram que outros três haviam morrido durante a noite. Pelos que tinham fraturas, quase nada podiam fazer, pois não havia medicamentos no avião. Canossa podia apenas aconselhar aos que estavam com braços ou pernas quebrados que os mantivessem sobre a neve a fim de evitar a inchação.

Zerbino examinou a perfuração do estômago de Enrique Platero, da qual havia extraído o tubo de aço no dia anterior. Desatou a camisa que havia amarrado sobre o local, e ali, tal como havia temido, percebeu uma ponta do intestino à mostra. Zerbino atou essa ponta com um fio, para estancar o fluxo de sangue, desinfetou o local com um pouco de água-de-colônia, e depois pediu a Platero que enfiasse a ponta para dentro da barriga, voltando a envolver-lhe a cintura novamente. Platero fez tudo sem se queixar.

Os dois médicos não ficaram sem enfermeira. Uma das sobreviventes era uma senhora casada, de nome Lilliana Methol, que inspirava grande confiança e conforto aos passageiros mais jovens, pois alguns deles não tinham sequer 20 anos. Muitos, durante a vida toda, haviam recebido cuidados e carinhos da mãe ou de

uma irmã. Naquele momento, em meio ao desespero, voltavam-se para Liliana, que lhes dizia palavras amáveis para encorajar-lhes o espírito.

Liliana e os médicos passaram o dia todo a tratar dos feridos. A ronda do dia acabou na cabine de pilotagem, da qual, desde a manhã, não lhes chegava qualquer som. Quando forçaram caminho através do compartimento de bagagem, foram encontrar Lagurara já morto.

Com a morte deste homem haviam perdido a única pessoa capaz de instruí-los sobre a maneira de facilitar os trabalhos de salvamento. O único tripulante sobrevivente era o mecânico de bordo, que disse não haver equipamento de emergência nem foguetes de sinalização. Além disso, afirmou que o rádio de bordo só podia funcionar com a carga das baterias do avião, acondicionadas na cauda do aparelho, a qual se partira e desaparecera durante o acidente.

Marcelo Pérez continuava a achar que em breve seriam encontrados. Não obstante, combinaram racionar toda a comida que encontrassem a bordo, e Marcelo fez uma lista de tudo que conseguiram encontrar. Havia algumas garrafas de vinho e de uísque, mas de alimentos sólidos contavam apenas com 13 barras de chocolate, uns poucos caramelos que se haviam espalhado pela cabine, algumas tâmaras e ameixas secas, um pacote de biscoitos *cream-crackers*, duas latas de mexilhões, uma de amêndoas salgadas e três copinhos de geléia — um de pêssego, outro de maçã e o terceiro de framboesa.

O estoque era bastante irrisório para 28 pessoas, e como não soubessem quantos dias teriam que esperar até serem encontrados, resolveram fazer com que as reservas durassem o máximo. Como refeição daquele dia, Marcelo deu a todos um fragmento de chocolate e um gole de vinho, medido na tampa de um frasco de desodorante.

A noite caiu sobre eles mais rapidamente do que esperavam, mas desta vez veio encontrá-los mais preparados. Conseguiram dispor de mais espaço livre, e construíram uma barreira mais forte contra o vento. Além disso, havia um número menor de sobreviventes.

Uma idéia louca

NA MANHÃ de domingo, 15 de outubro, os que vieram do lado de fora viram o céu claro e, a despeito das circunstâncias, se deram conta da grandiosidade do vale silencioso em que estavam. As condições do tempo lhes davam razões para acreditar que seriam resgatados naquele dia, ou pelo menos localizados. Enquanto isso, surgiam alguns problemas. A carência maior era de água. Havia dificuldade em dissolver a neve em quantidade bastante para matar-lhes a sede, sendo impossível meter a neve diretamente na boca pois ela congelava a língua.

Foi Adolfo Strauch quem conseguiu maneira de obter água. Adolfo (ou Fito, como era chamado) não pertencia ao time de rugby. Fora Eduardo Strauch, seu primo, quem o

convencera a ir para o Chile. Vendo o sol derreter a camada de neve, Fito teve a idéia de aproveitar o calor para obter água. Deu de olhos com um retângulo de alumínio, que se havia soltado do encosto de uma das poltronas danificadas. Fito entortou-lhe as extremidades, de modo a formar uma calota, deixando numa delas uma espécie de bico. Cobriu-a então levemente com neve e deixou o alumínio ao sol. Daí a pouco, um fio de água correu pelo bico da calota para dentro de um frasco que Fito havia arranjado para esse fim. Como cada uma das poltronas tivesse retângulos de alumínio semelhantes, logo havia várias «fábricas» de água em funcionamento.

Nesse dia, também, mais uma boca veio partilhar da distribuição de rações: Fernando («Nando») Parrado, que estivera em coma com um golpe na cabeça desde o dia do acidente e fora considerado morto. Então, de repente, recobrou os sentidos. Seus primeiros pensamentos foram para a mãe e a irmã, Susana, que viajavam com ele. Ficou sabendo que a mãe havia morrido, mas que a irmã, embora gravemente ferida, escapara.

Pouco antes do meio-dia, os rapazes viram um jato passar acima de suas cabeças. Voava a grande altura, muito além da cadeia de montanhas, mas todos começaram a agitar as mãos, a pular na neve, gritando e atirando peças de metal para cima. Muitos choravam de alegria.

A meio da tarde, um avião turbó-hélice voou por cima deles na direção

este-oeste, a pouca altitude, e mais tarde passou outro no rumo norte-sul. De novo, os sobreviventes acenaram e gritaram, mas os aparelhos seguiam sua rota e desapareciam no céu.

Então, às 4:30 surgiu um pequeno biplano, seguindo uma rota que passava diretamente sobre eles. Nada podia impedir agora que os rapazes acreditassem naquilo que tanto desejavam, e alguns deles se sentaram na neve, para esperar a chegada dos helicópteros. Entretanto, logo em seguida começou a escurecer e o frio cortante retornou, mas os helicópteros não apareceram.

Parrado dormiu abraçado à irmã, envolvendo-a com seu corpo enorme para lhe transmitir todo o calor que pudesse, preocupado com os movimentos irregulares de seus pulmões e gritos pela mãe morta. Outros também dormiam e acordavam a todo instante, encolhidos sob cobertores improvisados com o forro retirado das poltronas. Confinados num espaço que media 6 m x 2,5 m, tinham que espremer-se dois a dois, com os pés de um tocando os ombros de outro. Qualquer movimento podia causar dores atrozes aos feridos.

No domingo, pela manhã, já o quarto dia, alguns dos feridos começaram a demonstrar sinais de recuperação; a de Nando Parrado foi especialmente rápida, e as condições de saúde da irmã não o fizeram desesperar. Pelo contrário; enquanto alguns dos companheiros pensavam apenas em ser encontrados, Parrado começou a considerar a possibilidade de retornar à civilização por meios próprios.

«Impossível», disse-lhe Carlitos Páez. «Você morreria gelado.»

«Não, se usar roupas suficientes.»

«Então, morreria de fome. Ninguém pode escalar montanhas com apenas uma barra de chocolate e um gole de vinho.»

«Mas posso levar um pedaço de carne cortada a um dos pilotos», concluiu Parrado.

Embora Carlitos não tivesse levado a observação a sério, estava igualmente preocupado com o tempo que já havia decorrido sem que fossem encontrados, e ele próprio também começou a pensar em partir.

A dificuldade maior com que se defrontavam era que nenhum dos rapazes tinha a mínima idéia do local em que estavam. Pelos mapas encontrados na cabine do piloto e após a repetida afirmação de Lagurara de que haviam cruzado Curicó, estavam convencidos de que, se seguissem rumo oeste, logo encontrariam zonas verdes e fazendas de criação chilenas, mas o caminho para oeste estava bloqueado por montanhas gigantescas, enquanto o vale em que estavam presos se encaminhava para leste — para o interior, pensavam, para o meio da cordilheira.

Além disso, só conseguiam afastar-se do avião até as nove da manhã ou pouco mais. Depois disso, se havia um pouco de sol, a crosta de gelo se rompia e eles afundavam até as coxas na maciez da neve. Contudo, Fito Strauch, o inventor do grupo, descobriu que podiam envolver os sapatos com o estofamento das poltronas, criando assim razoáveis botas

de neve. Ele e Canessa quiseram imediatamente ir até o alto da montanha, não só para verificar o que havia do outro lado, mas ainda para descobrir se sobrevivera algum dos amigos que foram arrastados com a cauda do aparelho.

Carlitos Páez e Numa Turcatti também estavam ansiosos para escalar a montanha, e às sete da manhã do dia 17 de outubro os quatro se puseram em marcha. Caminhavam durante uma hora, descansavam, depois continuavam a andar. O ar era rarefeito e a caminhada se tornava difícil; quando o Sol surgiu, a crosta começou a derreter-se e tiveram que atar os estofos aos sapatos, que logo ficaram encharcados. Nenhum deles havia ingerido qualquer alimento substancial durante quase cinco dias, e não durou muito para que Canessa sugerisse que voltassem. Os outros não concordaram e quiseram prosseguir, mas quando Fito afundou até a cintura, à borda de uma fenda, o perigo os assustou a todos. Não conseguiram encontrar malas perdidas nem qualquer indício da cauda do avião.

«Não vai ser fácil arrancar-nos daqui», disse Canessa. «Veja como estamos fracos, sem alimentos.»

«Sabe o que Nando me disse?», adiantou Carlitos. «Disse que se não fôssemos encontrados comeria a carne de um dos pilotos para sobreviver.» Após uma pausa, Carlitos acrescentou: «Aquele ferimento na cabeça deve ter-lhe afetado o juízo.»

«Não sei», disse Fito. «Talvez seja realmente a única maneira de sobrevivermos.»

Carlitos ficou em silêncio, e os quatro voltaram montanha abaixo.

Busca inútil

QUANDO a torre de controle do aeroporto de Santiago perdeu contato com o avião uruguaio, imediatamente comunicou o fato ao Serviço Aéreo de Resgate (SAR), do Chile. O comandante do SAR estava ausente, e assim os dois ex-comandantes daquela unidade, Carlos García e Jorge Massa, foram chamados para dirigir a operação de busca e salvamento.

Naquela tarde, um DC-6 começou a sobrevoar o corredor-aéreo entre Curicó e Santiago, iniciando do local em que o avião estaria quando fez sua última comunicação com a torre. Nada encontrando, recuaram ao longo da suposta rota do Fairchild para uma área entre Curicó e Planchon. Havia uma tempestade de neve sobre Planchon e, como nada pudessem ver, retornaram a Santiago.

No dia seguinte, García e Massa analisaram mais detidamente as informações que possuíam. Concluíram que, muito provavelmente, o avião não estaria no cruzamento de Curicó quando comunicou esta posição, mas antes sobre Planchon, de modo que, em vez de voltar em direção a Santiago, o Fairchild teria voado para o interior da cordilheira. Desenharam cuidadosamente sobre a carta de navegação um quadrilátero de 50 cm, representando a zona do acidente. Depois enviaram aviões de Santiago para observar a área.

As dificuldades eram muitas. Os picos da região erguiam-se a 4.500 metros. Se o Fairchild se tivesse chocado contra um deles, certamente teria caído num dos vales circundantes, a cerca de 3.700 metros, e estaria enterrado sob uma camada de neve de uns 6 a 30 metros. Como o teto exterior do Fairchild era de cor branca, estaria praticamente invisível para qualquer avião que sobrevoasse a área à altura dos picos. Não obstante, segundo as convenções internacionais, incumbe ao país em que ocorre o acidente proceder à busca dos destroços durante dez dias; era o dever que o SAR tinha de cumprir.

A busca prosseguiu até 17 de outubro, quando a área se cobriu de neve e de nuvens compactas. Enquanto isso, 22 familiares dos passageiros haviam chegado ao Chile, todos insistindo em ajudar e apresentando suas próprias teorias sobre o local onde teria ocorrido o acidente.

A busca efetuada pelo SAR foi reiniciada a 19 de outubro. Prosseguiu por todo aquele dia e o seguinte, até a manhã do dia 21. Ao mesmo tempo, aviões argentinos decolando de Mendoza faziam sortidas sobre a cordilheira, sem encontrar sinais do Fairchild.

Desde o início, os técnicos do SAR tinham poucas esperanças de que alguém pudesse ter sobrevivido a um acidente no meio da cordilheira. A temperatura naquela época do ano chegava a 35 ou 40 graus abaixo de zero à noite, e assim, se alguns passageiros, por sorte do destino, tivessem escapado ao acidente, de-

certo teriam perecido de frio logo na primeira noite. Entretanto, os homens do SAR estavam arriscando suas vidas, e gastando preciosas quantidades de combustível.

Ao início da tarde do 21.º dia, convencidos de que seriam inúteis quaisquer outros esforços, os comandantes García e Massa resolveram «cancelar as buscas do avião uruguaio diante dos resultados negativos».

Nessa noite nas montanhas, Nando Parrado acordou de repente e sentiu que Susana estava enregelada em seus braços. Imediatamente tentou aplicar-lhe a respiração boca a boca, com as lágrimas a escorrer-lhe pelas faces. Quando a exaustão finalmente o venceu, Carlitos Pérez veio ajudá-lo. Foi inútil, porque Susana já estava morta.

Um tabu primitivo

OS SOBREVIVENTES acordaram na manhã de domingo, 22 de outubro, para enfrentar o 10.º dia que passavam nas montanhas. Os primeiros a sair do avião foram Marcelo Pérez e Roy Harlén. Roy havia encontrado um pequeno rádio de pilha, e agora conseguiam captar trechos de noticiários das rádios do Chile, mas não havia qualquer notícia sobre as buscas.

Os demais quase não se deram ao trabalho de sair da carcaça do avião. A fome já estava a demonstrar seus efeitos. Mal se erguiam, sofriam tonturas e tinham dificuldade em manter o equilíbrio. Sentiam frio, mesmo depois que o Sol surgia e podiam se

aquecer; tinham a pele enrugada como a dos velhos. Estavam certos de que não sobreviveriam muito tempo.

Começaram a pensar em outras fontes de alimentos. Em alguns pontos aflorados da rocha, encontraram ralas moitas de líquens, que arrancaram e amassaram numa pasta misturando-a com neve. O gosto era amargo e desagradável, e, como alimento, praticamente inútil. Alguns pensaram em utilizar o estofamento das poltronas, mas este era de *nylon* e espuma de borracha, e não de capim seco, como pensavam.

Só lhes restava uma pavorosa alternativa. Os cadáveres que jaziam em torno do avião, preservados pelo intenso frio. A idéia de cortar a carne daqueles que haviam sido seus amigos parecia a todos terrivelmente repugnante, porém a lúcida apreciação da embaraçosa situação em que se encontravam começou a levá-los, lentamente mas com relutância, a considerar a hipótese.

Por fim, Canessa enfrentou abertamente o horrendo assunto. Argumentava convictamente com os demais que nunca seriam encontrados; que teriam que buscar socorro por seus próprios meios; que nada se poderia fazer nesse sentido sem que se dispusesse de alimentos e que a carne humana era o único que havia disponível. Insistia em que tinham o dever moral de permanecer vivos por todos os meios de que pudessem dispor, e como Canessa fosse convicto de sua crença religiosa (eram todos católicos) suas palavras eram importantes para aqueles que o ouviam.

«É carne», argumentava ele. «As almas já abandonaram os corpos e estão na paz de Deus. Tudo o que aqui ficou não passa de cadáveres, que já não são seres humanos mas apenas carne como a do gado de que nos alimentamos normalmente.»

Outros entraram na discussão. «Vocês não viram», disse Fito Strauch, «quanta energia tivemos de gastar para subir apenas alguns metros da montanha? Pensem no que será necessário para podermos atingir o alto dela.»

Acabaram fazendo uma reunião no interior do aparelho e, pela primeira vez, os 27 sobreviventes discutiram se deviam ou não comer a carne dos mortos para sobreviver. Canessa e Fito Strauch voltaram a insistir em seus argumentos.

«Mas o que fizemos», perguntou Marcelo Pérez, «para que Deus nos peça o sacrifício de comer a carne de nossos amigos?»

Houve um momento de hesitação. Então Zerbino voltou-se para Marcelo e indagou: «E o que você acha que *eles* teriam pensado? De minha parte, sei que se pudesse dar meu cadáver para que vocês permanecessem vivos, não teria a menor dúvida já que a minha carne seria inútil para mim.»

Este argumento dissipou muitas dúvidas e, por mais relutante que cada um pudesse estar diante da idéia de comer a carne de seus próprios amigos, todos sem exceção concordaram com o argumento de Zerbino.

A discussão prosseguiu ainda por algum tempo e, quando chegou a

tarde, já estavam convictos de que deveriam agir naquele momento, ou então nunca mais. No entanto, permaneceram no interior do avião em completo silêncio. Por fim, um grupo de quatro rapazes (Canessa, Zerbino, Fito Strauch e Daniel Maspons) saiu e caminhou pela neve. Sem trocarem palavras, Canessa ajoelhou-se, descobriu um cadáver e cortou-lhe um pedaço de carne com um caco de vidro. A carne estava enregelada e difícil de cortar, mas ele insistiu até cortar 20 lascas do tamanho de palitos de fósforo.

Os outros rapazes estavam intimidados no interior do avião. Canessa disse-lhes que a carne estava sobre o teto do avião para secar ao sol, e os que quisessem podiam apanhá-la e comê-la. Ninguém se adiantou, e Canessa assumiu novamente a responsabilidade de provar sua decisão. Pediu a Deus que o ajudasse a demonstrar aquilo que sabia estar certo e tomou um pedaço de carne entre os dedos. Por um instante hesitou. Apesar de toda a sua determinação, o horror do ato o paralisava. Não conseguia erguer a mão para levá-la à boca, nem deixá-la cair; a repulsa que se aposava dele entrava em luta com sua fome, mas esta venceu. A mão se ergueu, meteu a carne dentro da boca e a garganta engoliu-a.

Canessa sentiu-se triunfante. Havia destruído um primitivo tabu. Agora sobreviveria.

Horas mais tarde, pequenos grupos saíram do interior do avião para seguir seu exemplo. Zerbino tomou uma lasca de carne e engoliu-a, como

Canessa o tinha feito, mas ela ficou agarrada na garganta. Apanhou um punhado de neve e meteu-a na boca, conseguindo engolir. Fito Strauch seguiu-lhe o exemplo, e logo os outros também.

Avalancha

NO DIA seguinte, Roy Harley ligou o transístor e captou o comunicado de que a busca ao Fairchild havia sido abandonada. Assim que a notícia se espalhou, os rapazes começaram a soluçar e a rezar, exceto Parrado, que olhava para as montanhas que se erguiam para oeste.

Ele queria partir logo, e só a custo conseguiram contê-lo. Afinal de contas, há dez dias era tido por morto. Em vez disso, combinaram que um grupo composto dos rapazes mais fortes iria tentar a empresa e, pouco mais de uma hora depois, Zerbino, Turcatti e Maspons começaram a subir a montanha, observados pelos amigos.

Os três rapazes saíram com tanta precipitação que nem atentaram para o equipamento que estavam levando. Usavam apenas tênis ou mocassins, camisas, suéteres e paletós leves, com calças finas a cobrir-lhes as pernas. Embora pensassem numa excursão rápida, acabaram levando dois dias nas montanhas e, durante a noite que lá passaram, devem ter-se sentido nus. Eram compelidos a aquecer-se socando-se e chutando-se uns aos outros, a fim de manterem a circulação e a temperatura do corpo. Nenhum deles esperava sobreviver.

Prosseguiram no dia seguinte mas, quanto mais subiam mais desesperadora lhes parecia a situação. Cada vez que pensavam ter alcançado o cimo, percebiam que estavam apenas no alto de uma saliência da montanha; o pico ficava sempre muito acima de suas cabeças.

Por fim, chegaram a um local onde havia destroços do avião e encontraram todos os corpos que julgavam desaparecidos, mas não descobriram a cauda do aparelho. Exaustos, empreenderam a descida de volta. «Acho», disse Maspons, quando se aproximavam do avião, «que não deveríamos dizer aos outros como a situação está negra.»

Não houve necessidade. Todos vinham mancando, com os pés enregelados, e Zerbino estava cego pelo reflexo da luz na neve. Os rapazes perceberam que a breve expedição quase havia dizimado três de seus mais fortes companheiros.

Na tarde do 17.º dia, quando Roy Harley se preparava para dormir, sentiu uma leve vibração e, no instante seguinte, ouviu o som metálico de algo que caía ao chão. Deu um salto, mas em seguida sentiu-se enterrado na neve até a cintura. Olhando em torno, teve uma aterradora visão. A parede erguida à entrada do avião havia sido derrubada por uma avalanche, e tudo no interior do aparelho (cobertores, almofadas, corpos adormecidos) estava enterrado sob a neve. Sem perda de tempo, Roy começou a cavar na direção do lugar em que Carlitos dormia, quase ao lado. Conseguiu desenterrar-lhe a face, depois o peito.



SYGMA

Grupo de sobreviventes defronte dos destroços desmantelados do avião

Então, vendo as mãos de outros erguendo-se fora da neve, largou-o e foi socorrê-los. Sentia-se desesperado; parecia-lhe ter sido o único que escapara ileso para salvar os demais. Conseguiu descobrir Canessa, e depois veio para a frente da cabine e recuperou Fito Strauch, mas os minutos passavam velozmente e outros companheiros permaneciam sepultos.

Carlos Roque, o mecânico do avião, e Juan Carlos Menéndez haviam morrido quase instantaneamente quando a barricada da porta, ao peso de toneladas de neve, desabou sobre eles. Numa Turcatti e Alfredo («Pancho») Delgado estavam presos sob o côncavo da porta de emergência, que havia sido posta na barricada, mas tinham ar bastante para resistir durante os minutos que os outros levaram para ir em seu auxílio.

Todos agiam desesperadamente, retirando uma pessoa após outra, desenterrando algumas apenas parcialmente, para que pudessem respirar, e seguindo para procurar as outras. Logo que tudo terminou (quando os que estavam vivos se amontoaram no resto de espaço que sobrou entre o teto do avião e o pavimento de neve), viram que alguns de seus amigos mais caros haviam perecido sob a neve. Marcelo Pérez, o capitão do time de rugby, estava morto. Também haviam morrido Enrique Platero, cuja ferida do estômago finalmente tinha sarado; Gustavo Nicolich e Daniel Maspons, o melhor amigo de Canessa; Liliana Methol, que havia ajudado a todos, e Diego Storm. Ao todo, oito tinham morrido sob a neve.

Quando a noite chegou, os sobreviventes estavam molhados, com cãibras

e morrendo de frio. Já não tinham almofadas, nem sapatos, nem cobertores para protegê-los, e mal havia espaço para se sentarem ou mesmo estarem de pé. Jaziam em confusão, a socar-se uns aos outros para manter o sangue circulando, sem saber a quem pertenciam as pernas e braços que socavam.

O pouco ar que havia ficado no avião estava viciado e sufocante, e alguns dos rapazes sentiam-se prestes a desmaiar. Parrado tomou uma barra de ferro, que estava entre o equipamento de socorro do avião, e começou a fincá-la contra o teto da cabine. Trabalhava à luz de cinco isqueiros, enquanto os rapazes em redor o observavam ansiosamente, pois não tinham idéia se a neve que os cobria tinha uma espessura de 30 centímetros ou de três metros. Quando conseguiu varar o teto e esticar a barra para cima, Parrado sentiu-a furar livremente o ar puro.

Como o avião estivesse inclinado para cima, o melhor caminho para chegar ao exterior parecia através da cabine do piloto, mas quando Roy Harley finalmente conseguiu quebrar um dos vidros da frente, percebeu que estava caindo uma nevasca.

A tempestade continuou por dois dias. Durante todo esse tempo, nada tinham para comer. Os corpos dos que haviam morrido no acidente permaneciam do lado de fora, e sepultados pela neve. Assim, tiveram de desenterrar um dos que haviam sucumbido na avalanche, cortando-lhe a carne à vista de todos. Antes, a carne tinha pelo menos secado ao sol; agora, a

única maneira era comê-la crua. Isto era medonho para eles e, para alguns, foi mesmo impossível comer bocados de carne do corpo de um amigo que dois dias antes estava com eles.

No dia 1.º de novembro parou de nevar, e seis dos rapazes subiram para o teto do avião para se aquecerem ao sol. Canessa e Zerbino cavaram a neve que encobria as janelas, a fim de permitir que a luz entrasse no interior do avião. Fito e Eduardo Strauch e Daniel Fernández derreteram neve para obter água, enquanto Carlitos fumava um cigarro e pensava na família — pois aquele era o dia do aniversário de seu pai e de sua irmã. Tinha agora a certeza de que voltaria a vê-los. Se Deus o havia salvo do acidente e da avalanche, era decerto para reuni-lo com sua família. A proximidade de Deus na paisagem silenciosa serviu para confirmar essa convicção.

Nos dias que se seguiram, o tempo permaneceu claro. Não houve quedas pesadas de neve, e os mais fortes e decididos do grupo dos 19 sobreviventes conseguiram cavar um segundo túnel, no sentido da cauda do avião. Então, puseram-se a tirar da cabine a neve que a atulhava e os corpos que iam encontrando debaixo dela. A neve estava dura como pedra e os instrumentos de remoção eram inadequados. Os cadáveres petrificados, em seus últimos gestos de defesa (alguns com os braços erguidos para proteger o rosto, como as vítimas das erupções do Vesúvio) eram difíceis de remover.

Levaram oito dias para tornar o avião mais ou menos habitável, mas,

sentindo que Deus os ajudaria se eles se ajudassem a si próprios, os sobreviventes começaram a planejar a escapada definitiva.

Operação Natal

TOMOU-SE a decisão de formar um grupo de quatro batedores. Vários rapazes se candidataram, mas alguns eram mais resolutos que outros. Parado estava tão decidido a escapar dali que, se não tivesse sido escolhido para o grupo, decerto sairia sozinho. Turcatti também insistia em ser escolhido; já tinha feito até duas curtas sortidas para provar sua resistência. Canessa, que tinha o apelido de «Fortão», sentia-se no dever de ir, devido ao seu privilegiado físico. O quarto voluntário foi Antonio Vizintín.

Tendo sido escolhidos, passaram a constituir uma «classe» com privilégios especiais. Tinham direito a uma ração de carne superior à dos outros; podiam dormir onde, quando e por quanto tempo desejassem. Já lhes eram poupadas as tarefas da sobrevivência diária. Rezavam à noite pela saúde e o bem-estar desses quatro companheiros, e todas as conversas a respeito deles eram conduzidas em tom de otimismo.

Os batedores não eram os líderes, mas uma «casta» à parte. Os três que efetivamente comandavam a reduzida comunidade eram Eduardo e Fito Strauch e Daniel Fernández (que também era primo dos dois outros). No segundo escalão do poder, estavam Carlitos Páez, Pedro Algorta e Gustavo Zerbino. Estes três «oficiais»

recebiam ordens de Daniel Fernández e dos primos Strauch. O sistema funcionava a contento.

Havia dois que não podiam tomar parte ativa no grupo: Rafael Echavarrén e Arturo Nogueira. Echavarrén era o que ficara com a barriga-da-perna praticamente destruída, e sofria agora de uma infecção que lhe tomava toda a perna; o pé havia enregelado e a gangrena já se manifestava.

A princípio, Nogueira estava em melhores condições físicas, mas este também tinha uma ferida infeccionada na perna, e piorou bastante logo após a avalanche. Só ao fim de uma semana se descobriu que ele não estava ingerindo sua porção de comida. Depois disso, Algorta ficou incumbido de dar-lhe alimento na boca, mas não adiantou, pois Nogueira morreu dois dias depois, após haver adormecido nos braços de Algorta.

A morte de Nogueira veio destruir a tese de que os sobreviventes da avalanche estavam destinados a escapar, e a busca de um meio de saírem dali foi se tornando mais urgente. Como a primavera andina se aproximava, os expedicionários começaram a ocupar-se em preparar a roupa que deveriam usar. O único contratempo que tiveram deveu-se ao fato de que alguém pisara por acaso a perna de Turcatti e a contusão começara a infeccionar. Numa considerava a coisa insignificante e, a princípio, ninguém prestou maior atenção a isso. Estavam mais preocupados em estabelecer o caminho a seguir. Sabiam, com certeza, que o Chile estava na direção oeste e tam-

bém sabiam que as águas do degelo corriam para o mar. Então concluíram que o vale onde estavam, inclinado para leste, devia descrever uma curva e voltar para oeste. Partindo dessa hipótese, tencionavam descer o vale, mas as montanhas a oeste eram impossíveis de escalar.

A partida, programada para 15 de novembro, fracassou. Uma tempestade de neve trouxe os expedicionários de volta, ao cabo de algumas horas, e a neve continuou a cair durante dois dias. Enquanto isso, a perna de Türcatti começou a piorar. Tornou-se evidente que ele só iria atrasar a marcha.

Na manhã de sexta-feira, 17 de novembro, após cinco semanas nas montanhas, acordaram com um céu claro, e logo Parrado, Canessa e Vizintín se puseram em marcha. Após caminharem por duas horas, ocorreu algo que veio modificar-lhes os planos: descobriram a cauda do avião. Foi como se houvessem descoberto um tesouro, pois lá estava a maioria da bagagem, bem como as baterias que, segundo o mecânico, poderiam fazer funcionar o transmissor do avião.

Decidiram voltar ao aparelho, retirar o rádio e levá-lo até o local onde estava a cauda. Essa decisão foi influenciada por um segundo fator: da posição em que se encontravam, parecia que o vale não se curvava, mas continuava rumo a leste. Passaram dois dias na cauda, depois subiram novamente para o local do avião, levando sacos cheios de roupas para os outros companheiros.

Foram recebidos pelo grupo que demonstrava sinais de amargo desapontamento e desespero. No dia anterior, Echavarrén havia morrido.

ENQUANTO isso, nem todos os parentes haviam aceito o veredicto do SAR. No dia 5 de dezembro, um grupo de pais dos desaparecidos reuniu-se com o comandante da Força Aérea uruguaia, a fim de saber se um avião uruguaio poderia ser enviado para continuar a busca nas montanhas. O comandante convocou um subordinado que havia cooperado com o SAR na investigação do acidente. Este informou que nada poderia ser feito antes de fevereiro. O inverno desse ano provocara as maiores quedas de neve dos últimos 30 anos nos Andes, e o avião estaria certamente enterrado na neve, sem haver possibilidade de se encontrarem sobreviventes.

O comandante voltou-se para o homem que estava à sua frente, esperando que este aceitasse a ponderação, mas, embora no íntimo achasse que qualquer busca seria inútil, insistia em que esta devia ser levada a efeito. A decisão do comandante enfraqueceu. «Cavalheiros», disse então, «a Força Aérea porá um avião à disposição dos senhores.»

A 11 de dezembro, cinco dos pais partiram de Santiago para uma busca pessoal sobre os Andes, que chamaram de «Operação Natal».

Uma questão de orgulho

AS TENTATIVAS de fazer funcionar o transmissor do avião falharam. Usan-

do apenas uma chave de parafusos, uma faca e um alicate, conseguiram retirar o aparelho da cabine e a antena do teto do avião. O trabalho levou vários dias. Então Canessa, Parrado e Vizintín, acompanhados por Roy Harley, levaram o material para a cauda do avião. Ao todo, foram necessários oito dias de ausência, tendo Parrado e Vizintín voltado ao avião a fim de levar comida.

Harley e Canessa fizeram as ligações indicadas entre a bateria, o transmissor e a antena, mas o aparelho permanecia sem funcionar. Como pensassem que se tratava de um defeito da antena, retiraram pedaços de fios dos circuitos elétricos da cauda e improvisaram uma antena com mais de 18 metros. Quando a ligavam ao rádio transístor, conseguiam captar muitas estações do Chile, da Argentina e do Uruguai, mas se a conectavam ao rádio do avião, nenhum resultado era obtido.*

Enquanto permaneciam na escuta, ouviram a notícia de que a busca do avião sinistrado iria continuar a ser feita por um C-47 da Força Aérea uruguaia. Resolveram então fazer uma grande cruz na neve, perto da cauda do avião, utilizando para isso as malas que encontraram espalhadas pelo local. Antes de voltar ao avião, Vizintín removeu o material iso-

lante que envolvia o sistema de calefação da cauda do aparelho, com o qual improvisou um ótimo saco-de-dormir, resolvendo dessa forma um dos mais terríveis problemas com que se defrontavam: resistir ao frio da noite no interior do avião.

Retornando ao Fairchild, Canessa ficou desolado com o que viu. Após oito dias de ausência, pôde notar que os rostos barbados de seus companheiros estavam descarnados e esqueléticos. Viu também, sob um novo ângulo, o horroroso espetáculo da neve juncada de corpos retalhados, com os ossos à mostra, e pensou consigo que deviam fazer algo para limpar a área antes de serem encontrados.

O grupo ficou sabendo o que haviam escutado no transístor, mas todos estavam de acordo em que a notícia não os faria abandonar a tentativa de uma expedição mais longa. Logo se tornou evidente que, embora a esperança na vinda do C-47 em nada alterasse a determinação de Parrado em partir, em Canessa ela havia provocado certa relutância. «Devemos esperar pelo menos dez dias e, aí então, partir», argumentava ele. «É loucura arriscarmos a vida se isso não for necessário.»

Os outros ficaram furiosos com o adiamento. Não haviam «engordado» Canessa tanto tempo para que ele desistisse no momento de partir, nem estavam muito otimistas quanto à possibilidade de serem encontrados pelo C-47, pois ouviram depois no rádio que o avião tinha sido forçado a aterrar em Buenos Aires com defeito

* O funcionamento do aparelho receptor-transmissor do avião era tecnicamente impossível. Sua fonte de alimentação provinha de um gerador de 110 volts de corrente alternada, acionado pelo motor do avião, ao passo que a bateria fornecia uma corrente de apenas 28 volts, e de corrente contínua.

num motor, e dali seguira para Los Cerrillos onde iria ser submetido a revisão.

«Você não compreende», disse Fito a Canessa, «que eles não estão à procura de sobreviventes? Estão querendo encontrar os nossos cadáveres apenas. Se passarem aqui em cima, tirarão fotografias que levarão para o laboratório para revelar e depois estudar... Precisarão de semanas para nos encontrar.»

Oito de dezembro era Dia da Imaculada Conceição. Para reverenciar a Virgem e persuadi-la a interceder pelo êxito da expedição, o grupo resolveu rezar em voz alta os 15 mistérios do rosário, mas, antes que os pobres coitados conseguissem chegar ao quinto, suas vozes já estavam sumidas e, um a um, foram caindo de sono. Concluíram as orações no dia seguinte, que era também o do 23.º aniversário de Parrado e, para celebrar a ocasião, deram-lhe de presente um charuto havana que haviam encontrado na cauda do avião.

No dia 10 de dezembro, Canessa continuava a insistir em que a expedição ainda não estava preparada para partir. O saco-de-dormir não apresentava as condições desejadas por ele, nem havia ainda coletado todo o material de que iria necessitar.

Contudo, em vez de se esforçar para concluir o que faltava, Canessa «poupava suas energias» ou insistia em tratar os furúnculos que haviam aparecido nas pernas de Roy.

Na manhã seguinte, os Strauch acordaram cedo e começaram a preparar os sacos-de-dormir. Estavam de-

cididos a considerar que nessa tarde já não haveria mais desculpas para a demora, mas algo aconteceu nesse dia que tornou suas ameaças e admoestações desnecessárias.

Numa Turcatti estava cada vez mais fraco. Seu melhor amigo após o acidente tinha sido Pancho Delgado, e foi este quem tomou a si a incumbência de tratar de Numa, dando-lhe inclusive de suas próprias rações. Mesmo assim, Turcatti continuou a piorar. Tinha delírios constantes e, a 11 de dezembro, entrou em coma. Delgado correu para perto dele. Numa tinha os olhos arregalados, mas não parecia notar a presença do amigo. A respiração era lenta e difícil. Delgado ajoelhou-se e começou a recitar o rosário. Enquanto rezava, a respiração de Numa estancou.

A morte de Turcatti persuadiu Canessa de que não deviam esperar mais. Roy Harley, José Luis Inciarte e Moncho Sabella estavam também muito fracos e às vezes deliravam. Um dia de atraso poderia significar a sobrevivência ou a morte deles. Ficou então decidido que a expedição partiria no dia seguinte, tomando o rumo oeste para o Chile.

Para o alto

ÀS CINCO da manhã do dia seguinte, Canessa, Parrado e Vizintín prepararam-se para partir. Vestiram primeiro as roupas que haviam recolhido nas bagagens dos 45 passageiros e da tripulação.

Parrado estava exótico. Em cima da pele vestiu uma camiseta e calças

de lã, compridas, de mulher. Em cima disso, vestiu três pares de *blue jeans* e seis suéteres. Pôs na cabeça uma balaclava de lã e o capuz e ombreiras que havia cortado do casaco de peles de sua irmã, vestindo por cima de tudo uma jaqueta. Antes de pôr as chuteiras de rugby, calçou quatro pares de meias, recobertas por sacos plásticos para impedir que umedecessem. Portava luvas e óculos escuros, e um bastão de alumínio para ajudar a subida.

Canessa não se esquecia de que cada uma das peças de roupa que usava representava uma recordação preciosa. Uma das suéteres lhe tinha sido dada por sua mãe; uma das calças havia pertencido a seu grande amigo Daniel Maspons, e o cinto era de Panchito Abal, morto no acidente. Fora Parrado quem lhe dera, dizendo: «Este foi um presente de Panchito, que era o meu melhor amigo. Agora, o meu grande amigo é você; por isso, aceite-o.»

«Não se esqueça de reservar lugar para nós no hotel em Santiago», disse um dos rapazes. Então todos se abraçaram e, em meio a gritos de *Hasta luego!*, os três expedicionários começaram a subir a montanha. Fizeram uma leitura da bússola do avião e começaram a subir rumo oeste, la-deando o vale. A subida era difícil; não só tinham de vencer o pronunciado aclave, como também, com a neve começando a derreter, não raro afundavam até os joelhos, apesar dos improvisados sapatos de neve. Assim mesmo, continuaram, descansando de poucos em poucos metros

e, quando pararam num afloramento da rocha para se alimentar, já haviam alcançado boa altura.

O plano era atingir o topo antes do anoitecer, pois seria quase impossível dormir na encosta íngreme. Porém, como logo descobriram, as distâncias eram enganadoras e, quando o Sol principiou a sumir na montanha, ainda estavam muito longe do cimo.

Começando a apavorar-se, buscaram um local onde pudessem se abrigar. Poucos metros à frente, encontraram uma enorme pedra, ao lado da qual o vento havia cavado uma trincheira na neve, e ali armaram acampamento e se enfiaram nos sacos-de-dormir.

Na manhã seguinte, quando o Sol surgiu de trás da montanha, começaram novamente a subir. A inclinação era agora tão abrupta que Vizintín não se arriscava a olhar para baixo. O que mais os frustrava era chegarem ao pico que viam acima de suas cabeças e descobrirem que se tratava apenas de uma crista de neve ou de um aglomerado de rochas. Até o meio da tarde do segundo dia ainda não haviam alcançado o cimo.

Passaram uma segunda noite na montanha e, pela manhã, Canessa sugeriu que Parrado e Vizintín deixassem com ele suas mochilas e subissem os dois um pouco à frente, para ver se assim chegavam mais rapidamente ao cume. Parrado seguiu imediatamente, com Vizintín logo após.

O paredão de neve era quase vertical, e Parrado só conseguia prosse-

guir após fazer sulcos na neve para meter os pés e as mãos. Impávido, parecia guiado pela emoção de um alpinista que vê chegar o instante do triunfo. Enquanto subia, falava consigo: «Lá de cima, vou ver um vale, vou ver um rio, vou ver vegetação...» De repente, chegou ao topo.

Sua alegria durou poucos segundos: a paisagem que descortinou abaixo não foi de vales verdejantes a se inclinarem para o Pacífico, mas intermináveis vastidões de montanhas cobertas de neve. Pela primeira vez, acreditou que estavam perdidos. Caiu de joelhos e quis amaldiçoar e gritar contra a injustiça do céu, mas nenhum som lhe saiu da boca. Ao olhar de novo para o alto, ofegante com o esforço despendido no ar rarefeito da montanha, seu desespero foi de pronto substituído pela exultação do que havia feito. «Conseguí escalar esta montanha», pensou consigo, «e vou chamá-la de Monte Seler, em homenagem a meu pai.»

Ao estudar a paisagem à sua frente, observou que para oeste havia duas montanhas cujos picos não estavam cobertos de neve. «A cordilheira tem que acabar em alguma parte», pensou, «de modo que aqueles dois picos devem estar no Chile.» Ouviu Vizintín a chamá-lo de baixo e gritou em sua direção com voz trêmula: «Volte e traga o Fortão! Diga-lhe que vamos conseguir! Diga-lhe que venha ver com seus próprios olhos!»

Quando Canessa alcançou o alto, olhou consternado para as montanhas sem fim que se estendiam para ocidente. «Estamos perdidos!», disse.

«Estamos completamente perdidos. Não temos chances de sair daqui.»

Parrado apontou para o meio da linha de montanhas. «Se descermos a montanha e seguirmos pelo vale, vamos chegar àquela bifurcação. Um dos caminhos deve levar às montanhas sem neve.»

Canessa seguiu a linha indicada pelo braço de Parrado. «Talvez», disse, «mas isso vai levar uns 50 dias, e só temos comida para dez.»

Parrado avaliou a situação e concluiu que Vizintín devia voltar, deixando-os assim com alimento suficiente para uns 20 dias, se rigorosamente racionado. Depois, talvez fosse possível encontrarem alguma coisa.

Voltaram em direção a Vizintín, que vinha penosamente trazendo as mochilas, chegando por volta das cinco da tarde. Parrado comunicou-lhe sua decisão. Na manhã seguinte, Vizintín dividiu seus víveres e algumas roupas com os outros dois companheiros e preparou-se para a descida.

«Diga a Fito que estamos seguindo rumo oeste», pediu Canessa. «Se vocês forem encontrados, faça com que venham nessa direção para nos prestar socorro.»

Vizintín escorregou pela montanha abaixo sentado numa almofada do avião, como se fosse num trenó. Embora a subida lhes tivesse consumido três dias, conseguiu chegar ao avião em apenas 45 minutos.

Uma visão paradisíaca

ÀS NOVE da manhã do dia 16 de dezembro, Parrado e Canessa puse-

ram-se novamente a caminho para o alto da montanha. Desta vez, carregavam as mochilas que, com a partida de Vizintín, haviam ficado ainda mais pesadas. O ar estava muito rarefeito; sentiam o coração a lhes bater forte no peito e tinham que descansar a cada três passadas, agarrados à parede do precipício coberto de neve.

Levaram três horas para alcançar o cimo. Ali, após um breve descanso, começaram a descida. A caminhada era extremamente difícil. A montanha não se compunha de rocha sólida, mas sim de rocha argilosa e, na maior parte do tempo, tiveram que escorregar de costas, provocando pequenas avalanchas de pedras. «Faça nosso caminho difícil, ó Deus», orava Canessa, «mas não o torne impossível.»

Por fim, chegaram a um ponto onde a neve ainda estava endurecida, e Parrado resolveu escorregar por ela usando os estofos com tobogã. De repente, começou a adquirir velocidade, chegando, segundo seus cálculos, a uns 100 quilômetros por hora. Fincava os calcanhares na neve, mas não conseguia frear. Súbito, à sua frente, viu um paredão de neve. «Se tiver pedra lá dentro», disse para si, «estou perdido.» No instante seguinte, chocou-se contra o paredão, mas saiu milagrosamente ileso. Canessa veio socorrê-lo, e os dois continuaram a descida com mais cautela, fazendo alto às quatro horas da tarde.

No dia seguinte, o sexto de sua viagem, conseguiram chegar ao pé da montanha ao cair da tarde. Viram-se à entrada do vale que conduzia à bifurcação. Embora o solo fosse

recoberto de neve alta e fofa, o declive não era de mais de 10 a 12 graus. Contudo, Canessa não raro escorregava.

Quando Parrado se lembrava do companheiro, olhava para trás e ia descobri-lo a várias centenas de metros na retaguarda. Então, ficava à espera e, quando Canessa o alcançava, concedia-lhe um descanso de quatro ou cinco minutos antes de prosseguirem. Numa dessas paradas, viram à direita um pequeno regato que descia pela encosta da montanha. Crescia musgo ao longo do regato, e havia também tufo de grama e moitas. Foi o primeiro sinal de vegetação que viram nesses 65 dias, e Canessa, embora estivesse exausto, subiu até onde corria o regato, apanhou uns punhados de grama e mato, e meteu-os na boca.

Passaram outra noite, amontoados na neve e, no dia seguinte, continuaram. À medida que avançavam penosamente, o som de seus passos foi sendo suplantado por um ruído rouco que crescia mais e mais. Parrado pôs-se a andar mais rápido, colocando-se a uns 200 metros à frente de Canessa, que estava exausto; de repente, percebeu que havia chegado ao fim do vale.

A visão que dali descortinou era paradisíaca. Já não havia neve à frente e, da crosta branca onde a neve estancara, caía uma torrente de água escura, que rolava sobre pedras e matações em direção oeste. Mais belo ainda era ver, para qualquer lado que se voltasse, aquelas manchas verdes (musgos, ervas, cardos, grama) e

florzinhas amarelas e roxas. Os dois rapazes livraram-se da neve e se meteram pelas rochas à margem do rio. Ali, entre pássaros e lagartos, oraram a Deus em voz alta, agradecendo-lhe com todo o fervor de seus corações por tê-los poupado do frio e das garras tenebrosas daquela medonha cordilheira.

No dia seguinte, o oitavo da jornada, encontraram uma lata enferrujada de sopa e uma ferradura, provas concludentes de que estavam se aproximando de áreas habitadas. Mais tarde, chegaram perto de uma pequena manada de vacas. Apesar desses indícios encorajadores, as condições de Canessa pioravam. Em seguida começou a mancar e tinha que andar apoiado no braço de Parrado. Nessa noite, discutiram as possibilidades de apanhar e matar uma das vacas, pois, embora ainda tivessem abastecimento suficiente, este começava a deteriorar-se com o calor. Parrado sugeriu ingenuamente que subissem a uma árvore, levando uma pedra, e a deixassem cair sobre a cabeça de um dos animais.

Com todos os músculos doloridos, Canessa ainda pôde dizer sorrindo: «Você jamais conseguirá matar uma vaca dessa maneira.»

Parrado procurou alguns gravetos para acender um fogo. Canessa estava recostado, a olhar vagamente para o outro lado do rio, quando, de repente, pareceu-lhe ver movendo-se entre as sombras uma forma semelhante a um homem a cavalo. «Nando! Nando!», gritou. «Olhe lá, um homem! Do outro lado do rio!»

Os dois rapazes se puseram a correr em direção à margem, a gritar e a acenar os braços, mas quando Canessa olhou para além da corrente, tudo o que viu do outro lado do rio foi uma pedra esguia a projetar sua sombra no chão.

«Vamos!», disse Parrado, pegando o companheiro pelo braço. «É melhor voltarmos e acender a fogueira antes que a noite caia.»

Já iam regressando ao local onde estavam quando, de súbito, mais alto que o ruído cascadeante do rio, ouviram o som de um grito humano. Voltaram-se e viram, do outro lado do rio, não um, mas três homens a cavalo.

Imediatamente os dois rapazes começaram a fazer sinais e a gritar, mas o barulho das águas do rio abafava suas palavras. «Ajudem-nos!», gritavam. «Ajudem-nos!» Enquanto a voz de Canessa adquiria um timbre mais elevado, Parrado caiu de joelhos e cruzou as mãos num gesto de súplica.

Os cavaleiros hesitaram. Então, um sofreu a montaria e gritou algumas palavras em direção a eles. A única que conseguiram entender foi «amanhã». Depois, os estranhos prosseguiram a cavalgada.

Parrado e Canessa correram para o local da fogueira. A única palavra que lograram ouvir fora suficiente para enchê-los de esperança. Finalmente, haviam conseguido estabelecer contato com outros seres humanos.

O Sol ergueu-se na manhã do décimo dia de jornada. Às seis horas, quando ambos já estavam despertos e

olhando para o outro lado do rio, tornaram a ver os três homens. Um destes tomou um pedaço de papel, escreveu algo nele, enrolou-o numa pedra e atirou-o sobre o rio em direção a Parrado. A nota dizia: ESTAMOS ESPERANDO OUTRA PESSOA. DIGAM O QUE QUEREM.

O homem atirou uma lapiseira para a outra margem e com ela Parrado escreveu a seguinte mensagem desesperada: VIEMOS DE UM AVIÃO QUE CAIU NAS MONTANHAS. SOMOS URUGUAIOS. ESTAMOS ANDANDO HÁ DEZ DIAS. NO AVIÃO AINDA HÁ 14 SOBREVIVENTES. ALGUNS FERIDOS. NÃO TEMOS ALIMENTOS. ESTAMOS EXAUSTOS.

O cavaleiro chileno desembrolhou a mensagem e fez sinal de que havia compreendido. Em seguida, tirou do bolso um pedaço de pão, arremessou-o para o outro lado do rio, fez-lhes um sinal de despedida e voltou a cavalgar em direção ao desfiladeiro.

Duas ou três horas depois, viram chegar outro homem a cavalo, desta vez do lado de cá do rio. Cumprimentou Parrado com certa desconfiança, tentando disfarçar a profunda impressão que lhe deve ter causado aquela figura alta, barbada e suja de lama. Disse chamar-se Armando Serda, deu-lhe um pouco de queijo e seguiu vale acima para ver as vacas que lhe pertenciam. Canessa e Parrado comeram o queijo e descansaram. Então, antes que Serda voltasse, os dois recolheram o que havia sobrado da carne que trouxeram e a enterraram em baixo de uma pedra. Era quinta-feira, 21 de dezembro – 70 dias após a queda do avião.

A busca

Os DOIS rapazes foram levados para uma cabana na parte inferior do vale, onde comeram algo e repousaram. Enquanto dormiam, um homem fora avisar a polícia numa cidade vizinha. Os policiais notificaram a central em Santiago, onde as notícias foram recebidas com surpresa e ceticismo por García e Massa, comandantes do SAR. Já era tarde e nada podia ser feito senão na manhã seguinte.

Quando esta afinal chegou, três helicópteros decolaram, apesar do intenso nevoeiro, levando além de García e Massa um médico e uma enfermeira da Força Aérea e três componentes do Corpo de Busca e Salvamento Andino. Quando chegaram à cabana, verificaram que Canessa ainda estava paralisado pela exaustão, sendo logo submetido a cuidados médicos. Parrado, entretanto, recusou qualquer espécie de tratamento e começou a insistir seguidamente com García e Massa para que decolassem à procura do Fairchild, mas isso era impossível por causa da neblina.

Assim, tiveram que esperar. Três horas mais tarde, García achou que a visibilidade havia melhorado o suficiente para que dois dos três helicópteros fizessem uma primeira tentativa de localização. Nos aparelhos seguiram, além dos pilotos, o médico, Parrado e os demais componentes do Corpo de Busca e Salvamento Andino.

Era cerca de uma da tarde, a pior hora possível para se voar nos Andes, por causa da turbulência das correntes aéreas. Parrado era um excelente

guia. Reconhecia todos os locais do vale por onde haviam vindo e, quando chegaram à bifurcação, orientou García para que virasse à esquerda e seguisse por cima do vale mais estreito e coberto de neve em direção às montanhas.

O vôo começara a se tornar difícil, e García notou que estavam atingindo os 2.100 metros. Segundo Parrado lhe havia dito, essa era a altitude que ficara registrada no altímetro do Fairchild. Até aquela altitude, García achava que podia controlar o aparelho com segurança.

«E agora, em que direção?», perguntou pelo interfone.

«Lá para cima», disse Parrado, indicando o próprio pico da montanha.

«Mas você não pode ter descido por ali», comentou o piloto.

«Pois descemos. O avião está do outro lado», disse o sobrevivente.

García olhou para frente e depois para o alto. O que Parrado lhe disse parecia impossível, mas não tinha alternativa. Começou a subir. Atrás deles, vinha Massa no segundo helicóptero. À medida que subiam, o ar ia ficando rarefeito e mais turbulento, e o helicóptero começou a balançar e a vibrar intensamente, mas havia ainda muito por subir. O altímetro indicava 3.600 metros, depois 3.900; por fim, aos 4.150, alcançaram o pico. Ali os helicópteros foram fustigados por um vento fortíssimo que soprava em direção oposta, forçando-os para trás e para baixo. García fez uma segunda tentativa para atravessar o pico, mas de novo o aparelho foi forçado para trás pelo vento.

O piloto desistiu de contornar o pico por cima e dirigiu o helicóptero para um ponto mais abaixo, começando a voar a montanha àquela altura, até que, sem deixarem de ser castigados pela força do vento, conseguiram passar para o outro lado do monte.

«Agora desça», disse Parrado ao comandante García.

O helicóptero desceu e Parrado finalmente viu, lá muito na distância, o diminuto ponto que sabia ser a carcaça do avião. «Lá está!», gritou. «Lá!»

Embaixo, os sobreviventes começaram a acenar e a gritar, e os que estavam no interior do Fairchild correram para fora quando o primeiro helicóptero, vencendo o vento, descia em círculos para junto deles. O piloto, no entanto, parecia indeciso sobre se devia pousar. O vento fustigava tão violentamente o aparelho que a cada momento que a máquina ficava mais próxima do chão corria o risco de ser arremessada contra a montanha. Contudo, um dos helicópteros conseguiu aproximar-se tanto do solo que um dos esquis do trem-de-aterragem tocou a neve. Pela porta aberta do aparelho foram arremessados dois pacotes e, atrás deles, saltaram em seguida o médico e um dos componentes do grupo de salvamento.

García não ousou pousar, por causa do declive e com receio de que a neve não suportasse o peso do helicóptero. Então, começou a pairar horizontalmente, num ângulo que facilitava a subida dos sobreviventes, embora temendo que as lâminas do rotor pudessem tocar os flancos da montanha.

O primeiro a tentar a subida foi Fernández. Ergueu os braços e foi agarrado por Parrado, que o puxou para cima; em seguida, veio Álvaro Mangino que conseguiu pular para a cabine, e o helicóptero arrancou.

Massa então fez com que descessem outros dois especialistas em salvamento com as respectivas equipagens, e Páez, Algorta e Eduardo Strauch subiram a bordo; atrás deles veio Inciarte. Com esses quatro, Massa tinha completado a lotação do aparelho e ergueu-se no ar, deixando Delgado, Sabella, Roberto François, Vizintín, Javier Methol, Serbino, Harley, Fito Strauch, os três especialistas e o médico.

A subida pela parte oriental da montanha não foi menos aterrorizadora do que a ascensão pelo outro lado, mas por fim conseguiram ultrapassar o topo e desceram a toda a velocidade para o vale.

Confissão

DADA a turbulência do ar, García resolveu transferir a segunda viagem para o dia seguinte. Os três especialistas em salvamento tinham trazido alimentação suficiente com eles e, como era sabido, não havia ninguém em iminente perigo de vida. Por isso aproveitaram para levar de helicóptero os primeiros oito sobreviventes para um hospital em San Fernando.

Chegaram pouco depois das três da tarde, todos transportados de maca, com exceção de Parrado que insistiu em entrar andando no hos-

pital, abrindo caminho entre as enfermeiras e visitantes que observavam nos corredores.

Ao chegarem à área que lhe fora especialmente reservada, Parrado recusou submeter-se a exame médico antes de tomar um bom banho. As enfermeiras ficaram espantadas com o pedido e foram perguntar aos médicos, que não se opuseram.

Prepararam o banho e Parrado pôde finalmente tirar suas roupas malcheirosas e afundar-se na água quente. Após o banho, sentiu-se às mil maravilhas, e então permitiu que os médicos o examinassem. Estes o encontraram em perfeita saúde.

É claro que, como os outros sete, Parrado tinha perdido bastante peso: mais de 23 quilos. Além disso, Mangino estava com uma perna fraturada; a perna de Inciarte, seriamente infeccionada; Algorta apresentava dores na região do fígado; e todos sofriam em consequência de queimaduras e rachaduras dos lábios provocadas pelo frio, conjuntivites e várias infecções cutâneas.

Os médicos, porém, logo chegaram à conclusão de que os rapazes haviam se alimentado de algo mais que simples neve derretida, e, enquanto examinava a perna de Inciarte, um deles perguntou: «Qual foi a última espécie de alimento que você ingeriu?»

«Carne humana», replicou Inciarte com certa naturalidade.

O médico prosseguiu examinando a perna sem qualquer comentário.

Fernández e Mangino também revelaram aos doutores o que haviam

comido nas montanhas, e os médicos se abstiveram de maiores indagações. No entanto, tomaram a deliberação de impedir que os jornalistas fossem admitidos no hospital, mantendo os rapazes totalmente incomunicáveis — mesmo em relação aos familiares de Páez e Canessa, que já haviam chegado de Montevidéu.

Só uma exceção foi aberta, para o padre Andrés Rojas, jovem vigário de San Fernando Rey, que foi introduzido na ala privativa do hospital e começou pelo quarto de José Inciarte. A escolha foi exata, pois mal o sacerdote se identificou, uma torrente de palavras brotou da boca balbuciante do hospitalizado. Contou ao padre a sua aventura nas montanhas — não numa linguagem fria de observador isento, mas com palavras elevadas e místicas, que traduziam da maneira mais adequada o significado que a experiência tivera para ele:

«Foi algo de absolutamente inacreditável. Sempre freqüentei as missas dominicais e a comunhão tornou-se para mim um ato puramente natural, mas lá no alto, diante de tantos milagres, tão próximo de Deus, quase a tocá-lo, tudo pareceu adquirir outro significado. Hoje, rogo a Deus que me impeça de voltar a ser aquele que eu era, pois aprendi que a vida é amor e que amar é dar-se ao seu semelhante. Nada há de mais sublime que nos entregarmos ao próximo...»

À medida que o padre Andrés ouvia o jovem, ia se dando conta do exato significado da «dádiva» a que

Inciarte se referia — a dádiva da própria carne feita pelos seus companheiros mortos. Tão logo percebeu do que se tratava, o padre assegurou ao intranquilo jovem que não via pecado algum no que este havia feito. A Igreja Católica admite o canibalismo (ou antropofagismo) *in extremis*. «Voltarei logo mais, com a santa comunhão», avisou o padre Andrés ao sair.

«Então gostaria de me confessar», declarou Inciarte.

«Você já se confessou», disse o padre, «durante esta conversa.»

O MOMENTO do reencontro não podia continuar sendo adiado. Graciela Berger, a irmã casada de Parrado, exasperada porque nunca mais lhe permitiam que se comunicasse com ele, irrompeu porta adentro seguida pela figura chorosa de Seler Parrado. O pobre homem tivera suas esperanças alimentadas por uma falsa lista de sobreviventes que incluía a mulher, a filha e o filho. Somente agora, pouco antes de entrar no quarto de Nando, é que lhe haviam contado a verdade: só o filho escapara.

Mais adiante no corredor, Canessa viu entrarem os pais e a noiva. «Feliz Natal, Roberto!», disse-lhe a mãe, começando a chorar enquanto observava a face envelhecida do filho sob as barbas que trazia. O pai de Canessa também irrompeu em choro, e essa torrente de emoções levou Roberto ao pranto, que não parou enquanto os pais não se dispuseram a sair do quarto. Ele, porém, não queria deixá-los sair e, quando todos se

acalmaram, começou a contar-lhes sobre o acidente e como haviam sobrevivido, inclusive o fato de terem comido carne humana. Somente o pai se mostrou chocado com isso, pois as mulheres estavam tão satisfeitas em ter Roberto de volta que mal deram atenção às suas palavras. No entanto, o pai, que era médico, sabia bem o horror que seu filho deveria ter passado e as conseqüências do que podia vir a acontecer.

«Exatamente o que se passou»

Os OUTROS oito sobreviventes foram trazidos dos Andes no dia seguinte, a maioria deles em surpreendentes condições físicas. De fato, apenas quatro dos 16 sobreviventes ficaram internados no hospital por alguns dias, para serem submetidos a maiores tratamentos.

No dia 23 de dezembro, todo o grupo de uruguaios que tinham vindo ao Chile, ao saberem das notícias do salvamento, estavam hospedados em Santiago para comemorar o Natal — os sobreviventes com suas famílias, no hotel Sheraton San Cristóbal; os pais e parentes dos que haviam morrido, no Crillon.

Foi no hotel Crillon que o pai de Gustavo Nicolich abriu uma carta que seu filho lhe havia escrito nas montanhas antes de perecer na avalanche: «Uma coisa que certamente lhe parecerá incrível (pois parece inacreditável mesmo para mim) é que hoje começamos a retalhar os corpos dos mortos para comê-los. Nada mais há que se possa fazer.»

Vintage da Sheaffer
não é para dar.
—É para brindar



Nunca um
instrumento
de escrita
foi fabricado com
tanto cuidado
como a Vintage
da Sheaffer.
Esmerado
acabamento
trabalhado em
metais preciosos.

SHEAFFER®

SHEAFFER, WORLD-WIDE, GRUPO **textron**

Mais adiante, acrescentou as seguintes palavras: «Se fosse necessário algum dia sacrificar meu corpo para salvar alguém, saiba que eu o faria sem receio.» Essa fora a primeira indicação que alguém tivera (entre os pais reunidos no Crillon) de que haviam sido os corpos de seus filhos mortos que mantiveram vivos os 16 sobreviventes do avião. Nicolich, já ferido na dor de haver perdido o filho, horrorizou-se ainda mais diante da sombria informação, mas considerando, no momento, que a verdade nunca devia ser conhecida, resolveu remover da carta aquele trecho e guardá-lo consigo.

As famílias dos que estavam no San Cristóbal experimentavam a bem dizer a mesma reação, mas, além disso, temiam que as notícias transpirassem para os jornais. Seus temores aumentavam com a horda de jornalistas que passavam o dia fazendo perguntas intermináveis e tirando fotografias dos rapazes. Numa primeira entrevista coletiva no hospital, quando indagados sobre o que haviam comido, os sobreviventes disseram que havia grande quantidade de queijo a bordo e que encontraram ervas nas montanhas, mas a informação certamente não iria convencer os jornalistas por muito tempo.

A verdadeira história veio a «furo» num jornal do Peru, e foi imediatamente difundida na Argentina, no Chile e no Brasil. Os jornalistas de Santiago caíram de novo na pele dos sobreviventes. Confusos, os rapazes continuaram a negar o ato de canibalismo, mas aqueles que haviam traído

o segredo (os do grupo de salvamento andino) tinham fornecido provas aos jornais. A 26 de dezembro, o jornal de Santiago *El Mercurio* publicou na primeira página uma foto de uma perna humana semidevorada, que fora encontrada na neve.

Os rapazes resolveram que seria melhor dar uma entrevista coletiva à imprensa, no Colégio Stella Maris, quando retornassem a Montevideu, em vez de fazerem declarações a jornais isolados, mas a decisão era uma frágil defesa diante do furacão que se voltara contra eles. A notícia serviu apenas para aguçar o interesse da imprensa mundial, e os rapazes eram dia e noite bombardeados com perguntas. Uma revista do Chile, que publicava habitualmente material pornográfico, gastou duas páginas para estampar as fotografias de membros e ossos que foram vistos ao redor do avião. Outra publicação chilena divulgou a história com o título: QUE DEUS LHES PERDOE! Quando alguns dos pais viram isto, puseram-se a chorar.

Com o ambiente em Santiago envenenado por esse clamor, os sobreviventes fretaram um avião e retornaram a Montevideu a 28 de dezembro. No Colégio Stella Maris tudo estava pronto para a chegada deles. O salão nobre havia sido preparado como para uma festividade de entrega de diplomas, com uma longa mesa sobre o estrado, microfones e alto-falantes.

A entrevista começou. A sala inteira ouvia em silêncio, à medida que, um por um, os sobreviventes

contavam a sua trágica e heróica história. Então, chegou a vez de Pancho Delgado, que fora escolhido para falar sobre o canibalismo. Sua eloquência, de pouca serventia nas montanhas, agora era oportuna e ele se pronunciou:

«Quando a gente acorda de manhã, em meio ao silêncio das montanhas, e vê em redor os picos coroados de neve, tem-se uma impressão majestosa, sensacional e ao mesmo tempo aterradora – a impressão de se estar só no mundo, apenas diante de Deus. Pois eu posso lhes assegurar que Deus existe ali. Nós todos o sentimos, dentro de nós, não porque fôssemos crentes que estivessemos sempre a orar. Nada disso. É que ali se sente a presença de Deus. Sente-se, acima de tudo, o que se convencionou chamar de *a mão de Deus*, e achamos estar sendo guiados por ela... Quando chegou o momento em que já não tínhamos mais alimentos, pensamos conosco que se Jesus, em sua última ceia, tinha partilhado seu corpo e seu sangue com os apóstolos, isso era um sinal para que fizéssemos o mesmo – considerar a carne e o sangue como uma comunhão íntima entre nós. Foi isso que nos permitiu sobreviver, e agora não queremos que esse ato (que para nós foi algo profundamente íntimo) seja maculado ou algo assim. Em terras estrangeiras, tentamos encarar o assunto da maneira mais elevada possível, e agora lhes revelamos toda a verdade, a vocês, nossos compatriotas, para que saibam exatamente o que se passou...»

Quando Delgado terminou, todo o auditório estava evidentemente comovido, e, ao perguntarem aos jornalistas se tinham perguntas a fazer, estes disseram que não.

VINTE E NOVE dos que haviam partido no Fairchild não voltaram e, para as famílias desses 29, o retorno dos 16 sobreviventes significava apenas a confirmação da morte daqueles.

Por mais racional que pudesse ser a mente, diante da contemplação de um fim tão triste, havia sempre um irreprimível terror primitivo ante a idéia de que os corpos dos entes queridos tinham sido devorados pelos outros. Na maioria dos casos, entretanto, conseguiram dominar a repugnância. Os pais demonstraram a mesma coragem de seus filhos, ao se reunirem em redor dos 16 sobreviventes.

O Dr. Helios Valeta, pai de um dos rapazes que foi arrastado com a cauda do avião, foi com a família à entrevista coletiva e deu o seguinte depoimento ao jornal *El País*: «Vim aqui com minha família porque estamos sinceramente felizes por termos estes rapazes de volta aos seus lares. Estamos ainda mais felizes por saber que havia 45 pessoas no avião, o que possibilitou a sobrevivência de pelo menos 16. Como médico, sei que ninguém poderia ter sobrevivido em tais condições, sem recorrer a essa corajosa decisão. Agora que tenho a confirmação dos fatos, posso repetir: Graças a Deus que havia 45 no avião, para que pelo menos 16 lares pudessem recuperar seus filhos.»

Um refugiado iugoslavo e uma professora de Chicago trabalham juntos para ensinar às populações e fazendeiros pobres como ajudar-se mutuamente

Dois contra a fome

DAVID L. FORTNEY

PAUL HORVAT, sentado em sua casa, em Wilmette, subúrbio de Chicago, não podia acreditar no que estava vendo no noticiário da televisão: os fazendeiros de Indiana (em protesto contra os baixos preços dos produtos agropecuários) estavam queimando as lavouras, matando os porcos e derramando o leite. «Por que estragar todos esses alimentos nas fazendas», perguntava Horvat, «se as pessoas precisam deles nas cidades?»

Isso se passou em meados de 1967. No dia seguinte, Horvat foi a Indiana e percorreu centenas de quilômetros para conversar com os fazendeiros. O que ouviu destes deixou-o preocupado: «Não podemos vender nossos produtos e animais pelo preço que nos custou colhê-los ou criá-los.»

Em sua qualidade de emigrante, Horvat, aos 69 anos, sabia bem o que era o protesto social. Na Iugoslávia, havia defendido o direito dos fazendeiros e lutado contra os invasores estrangeiros em duas guerras

mundiais. Sabia portanto o que os fazendeiros de Indiana estavam sentindo. Sua vida de camponês europeu fora uma luta constante contra o fracasso das colheitas e as demandas e suprimento dos mercados. Quando regressou a casa naquela noite, pensando no que havia visto, concluiu que devia deixar de lado sua confortável profissão de jardineiro-paisagista e declarar guerra pessoal à fome.

Sua estratégia consistiu em montar um «mercado rural» na povoação. Os fazendeiros que necessitavam obter melhores preços para seus produtos os venderiam diretamente à população pobre da área, que, por sua vez, necessitava comprar a preços mais baixos. Em consequência dessa idéia (que eliminava intermediários inúteis), milhares de necessitados, em Chicago e nas fazendas das vizinhanças, já não estão simplesmente à espera de assistência do governo, mas sim participando de programas de ajuda mútua, que permitem a cada grupo viver um pouco melhor.

Horvat tinha apenas 15 anos quando, pela primeira vez, demonstrou como as pessoas pobres podem se ajudar mutuamente. Trabalhava numa fazenda na Iugoslávia, quando o governo permitiu uma redução dos preços agrícolas, ficando os fazendeiros praticamente sem obter qualquer lucro na venda de seus produtos. Os lavradores reclamavam pelas ruas, mas quase nada faziam para resolver o problema. «Reclamar e rezar só não adianta», concluiu Paul. «Temos que executar um plano de ação.»

No dia seguinte, foi de bicicleta a uma das aldeias vizinhas, onde fez uma lista das donas-de-casa que se dispunham a comprar diretamente dos produtores. Depois, reuniu seus vizinhos lavradores que desejavam vender diretamente aos consumidores. O plano deu certo, trazendo alimentos às pessoas pobres e dinheiro aos lavradores sem recursos.

A filosofia juvenil do «Auxílio Mútuo» transformou-o em líder da resistência iugoslava durante a Primeira Guerra Mundial, e um defensor do direito dos fazendeiros a partir de então. Quando Hitler invadiu a Iugoslávia em 1941, Horvat reassumiu seu posto na resistência. Capturado, ia sendo levado de trem à execução, para servir de exemplo aos outros camponeses, quando conseguiu trancar os guardas no lavatório e saltar do vagão em movimento. Atordado e sangrando, arrastou-se até a fazenda mais próxima. A resistência, cuja rede havia ajudado a organizar, conseguiu fazê-lo sair do país juntamente com a família.

Após a guerra, os comunistas de Tito subiram ao poder. Preocupados com a influência que Horvat exercia sobre os camponeses, tomaram-lhe as terras e forçaram-no a exilar-se. Em 1952, aos 54 anos, Paul foi para os Estados Unidos.

Trabalhando em vários tipos de ocupações, o denodado Horvat conseguiu, com sua família, economizar cerca de 4.500 dólares no espaço de um ano, o suficiente para se estabelecer como paisagista. Mais tarde, abriu também uma loja de material agrícola. Mantendo seu ritmo de 18 horas diárias de trabalho, Paul multiplicou suas economias e pode-se dizer que ficou rico, mas quando viu a manifestação dos fazendeiros de Indiana, sentiu o eco dos seus antigos ideais.

Horvat apresentou seu esquema de Auxílio Mútuo a várias agências de previdência social, clubes de prestação de serviços, órgãos do governo e associações de fazendeiros. Todos achavam uma boa idéia, mas não acreditavam que pudesse funcionar. Então, Horvat organizou por conta própria três «feiras de alimentos». Os líderes municipais forneceram o terreno, divulgaram instruções sobre a troca de mercadorias e conseguiram voluntários para descarregar, pesar, ensacar e vender as mercadorias fornecidas pelos fazendeiros.

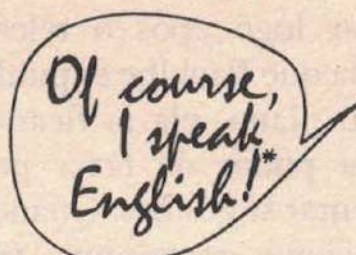
No primeiro ano, os participantes foram poucos (cerca de 250 famílias), mas as receitas provaram que Horvat estava certo. Os fazendeiros obtiveram o dobro dos lucros que teriam se entregassem seus produtos aos ataca-

distas, e os consumidores receberam satisfeitos um desconto de cerca de 42% em relação aos preços no comércio local.

No entanto, essas concentrações de fazendeiros de Chicago apresentavam em 1967 um problema que Horvat não havia encontrado na Iugoslávia: a comunidade negra não via com bons olhos um estrangeiro branco. No entanto, certo dia, em 1970, uma notícia de jornal sobre a luta que empreendia chegou às mãos da pessoa certa. «Li a respeito do programa do Sr. Horvat pouco depois de saber que a desnutrição pré-natal pode causar retardamento mental», recorda Dorothy Shavers. Na manhã seguinte, a Sra. Shavers, negra, de 38 anos, mãe de dois filhos, e que estava lecionando a crianças retardadas no Centro de Treinamento Ada S. McKinley, de Chicago, telefonou a Horvat para dizer: «Estou disposta a ajudá-lo no que puder.»

Filha de um plantador de algodão, a Sra. Shavers tinha vindo para Chicago com a experiência do que é ser criança pobre do interior. «Dorothy era também uma lutadora social», lembra uma amiga que trabalhou com ela como voluntária em outras atividades. «Sempre lutou para libertar sua gente da pobreza.»

«O plano do Sr. Horvat tinha fundamento», diz Dorothy, «mas ele não via a menor possibilidade de levá-lo a efeito numa povoação de negros. Aquela gente tinha sido tão explorada tantas vezes que já não confiava nem nos vizinhos, quanto mais nos brancos.» Dorothy fez uma



*Claro que eu falo inglês!

*Why don't you?**

*E você, por que não fala?

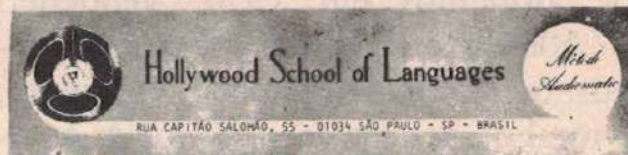


O HOMEM QUE FALA DOIS IDIOMAS VALE POR DOIS.

Napoleão Bonaparte

APRENDA INGLÊS PELO MÉTODO AUDIOMATIC:

Você estuda a lição; responde ao exame; ouve o exercício gravado; repete a audição, pronunciando junto com o professor; grava o exercício com sua voz e remete-nos (se quiser) a fita gravada para nossa apreciação. Esse é o método AUDIOMATIC da Hollywood School of Languages. Conheça-o (é o único com gravador) e comece a valer por dois.



HOLLYWOOD SCHOOL OF LANGUAGES, Depto.		BHS-11/4
R. Capitão Salomão, 55		
01034 - São Paulo, SP - Brasil		
Queira enviar-me GRATIS seu catálogo a cores explicando como aprender a FALAR inglês pelo método AUDIOMATIC.		
Nome	_____	
Endereço	_____	
Bairro	_____	ZP _____
Cidade	_____	Estado _____

visita a Horvat logo após o telefonema. À medida que Paul lhe expunha detalhes de seu plano, ela ia ficando entusiasmada a ponto de fazer perguntas e apresentar sugestões. Quando o agitado diálogo terminou, três horas depois, já se sentiam aliados. «Tenho satisfação em trabalhar ao seu lado», disse Dorothy, estendendo-lhe a mão. «Penso que juntos podemos ajudar mais pessoas do que se agirmos sozinhos.» Ao cabo de um mês, os novos aliados estavam trabalhando 60 horas por semana, em visita a igrejas, escolas e grupos comunitários onde Horvat não tinha conseguido penetrar anteriormente. O que ofereciam era simples: o Auxílio Mútuo iria montar uma feira experimental de alimentos; se as pessoas gostassem da iniciativa, podiam empreender um programa por conta própria. O Auxílio Mútuo ensinava-lhes como organizar-se e entrar em contato com os fazendeiros. Os dois idealistas trabalhariam em casa, dando orientação, mas a própria comunidade é que tinha de manter o programa em operação.

O Auxílio Mútuo montou 16 feiras de alimentos em 1970, vendendo 17.500 dólares de frutas frescas, vegetais, queijos e carne. No ano seguinte, o total de vendas decuplicou. A Associação Cristã de Moços, por intermédio de sua filial no bairro, obteve um local para as entregas, um porão para estocagem e um quadro de distribuição para anotar as chamadas telefônicas. Em 1972, a Fundação Americana Para o Combate à Fome e a Campanha Para o Progresso Hu-

mano contribuíram com cerca de 27 mil dólares para o Auxílio, e a Sra. Shavers passou a receber salário. «Esse dinheiro pago a ela volta quase todo para o Auxílio Mútuo», diz George Murphy, diretor do Comitê Católico de Ajuda aos Pobres de Chicago. «Ela jamais deixa de ajudar quem esteja necessitado.» (Paul Horvat continua a trabalhar sem ônus.) Atualmente, 92 setores de vendas operam na área de Chicago, com uma frequência que varia de uma vez por mês a cinco vezes por semana.

Embora a ação de ambos seja conjunta, Paul se concentra na obtenção de novos associados, enquanto Dorothy, auxiliada por uma secretária e um funcionário em meio-expediente, supervisiona o funcionamento do programa. É claro que há problemas. Alguns fazendeiros tiveram os pneus de seus caminhões retalhados quando serviam certas zonas monopolizadas pelos mercados locais. Às vezes, em algumas áreas, as pessoas empreendedoras e de boa vontade simplesmente não aparecem, e os clubes do Auxílio Mútuo fracassam aí por falta de voluntários ou de habilidade necessária para manter esse tipo de comércio.

Esses obstáculos, porém, estão sendo vencidos. Horvat convenceu os diretores de um colégio municipal de Chicago a empreenderem uma campanha de educação de adultos para o ramo de administração de cooperativas. A classe inicial transformou-se em verdadeiro projeto, no qual estão interessados especialistas

em nutrição e agricultura. Documentários cinematográficos explicam como funciona o Auxílio Mútuo entre os pobres das áreas rurais e os pobres das cidades. Esse vínculo (e o fato de que o programa de Horvat ajuda não só os fazendeiros pobres, mas igualmente os consumidores pobres) é que faz o Auxílio Mútuo diferir das tradicionais cooperativas de alimentos que funcionam nos Estados Unidos.

A Câmara Júnior Americana de Comércio classificou o programa de

Horvat como «um dos mais importantes projetos de auxílio mútuo do país», mas Horvat tem pouco tempo para pensar em honrarias. Numas «férias» recentes na Flórida, esse «dínamo humano», já com 76 anos, participou de 86 reuniões em seis semanas.

Seu tema é sempre o mesmo. «Protestos e passeatas não resolvem, pois não põem comida em sua mesa», diz o velho batalhador, e mais uma vez começa a explicar como funciona o Auxílio Mútuo.



ANTES de fazer a primeira viagem ao estrangeiro, em seu iate novinho em folha, um amigo meu decidiu se familiarizar com a rota e tomou um navio que fazia esse percurso.

Estendendo uma série de mapas sobre a mesa de seu camarote, ele seguia cuidadosamente o avanço do navio, assinalando cada ponto que lhe parecia importante. Certo dia, a meio da viagem, um oficial apareceu de repente, por trás de seu ombro, e perguntou-lhe: «Cumprimentos do capitão, senhor. Estamos na rota certa?»

— J. P.



O SOM estereofônico não é novidade. Quando eu era criança, todos os rádios no quartirão estavam sintonizados no mesmo jogo de futebol, e a gente podia dar um passeio pelas redondezas, ao cair da tarde, sem perder uma única jogada; os aparelhos de ar condicionado eram quase desconhecidos naquele tempo, mas todas as janelas ficavam abertas, com as cortinas se agitando ao vento; em certas casas, sempre se podia ver algum rádio e os parentes de um amiguinho nosso ouvindo o jogo. Todo mundo «via» o jogo com os olhos da imaginação, e sua participação era, por isso, muito mais pessoal, intensa e excitante.

Ah sim, e eles tinham também o *replay* — mais tarde, no botequim da esquina.

— M. A. B.